

# **Migração individual e conjunta: uma análise da composição dos domicílios dos imigrantes recentes em São Paulo com origem no Nordeste – 1991, 2000 E 2010**

*Raquel Aline Schneider*<sup>1</sup>  
*Fausto Reynaldo Alves de Brito*<sup>2</sup>

**RESUMO:** O reconhecimento de que a migração é, em muitos casos, uma ação realizada em conjunto é consolidado, mas sua análise não é tão presente na literatura, sendo a falta de dados um dos maiores empecilhos. Com isso, o objetivo deste artigo é a criação de uma *proxy* da condição do migrante no momento do deslocamento, para trazer esclarecimentos sobre quão conjunto ou individual a migração pode ser. Foram utilizados os dados dos Censos de 1991, 2000 e 2010 e o fluxo analisado foi o da Região Nordeste do Brasil para o estado de São Paulo. Verificou-se que a maior parte dos imigrantes recentes se encontravam em domicílios em que também residiam imigrantes antigos, em 1991 e em 2000, porém, em 2010, foram os domicílios inteiramente compostos por imigrantes recentes a maioria. Tais resultados, aliados a informação sobre a relação dos imigrantes recentes com o responsável pelo domicílio, demonstram que a migração conjunta envolve, em sua maioria, relações familiares e é predominante como forma de deslocamento.

**Palavras-chave:** Migração. São Paulo. Nordeste. Arranjos domiciliares. Censos.

## **Individual and joint migration: an analysis of the composition of the household of recent in-migrants in São Paulo originating in the Nordeste – 1991, 2000 and 2010**

---

<sup>1</sup> Doutoranda em Demografia no Centro de Desenvolvimento e Planejamento Regional – CEDEPLAR/UFMG, Belo Horizonte-MG, Brasil (raquelschneider03@gmail.com).

<sup>2</sup> Centro de Desenvolvimento e Planejamento Regional – CEDEPLAR/UFMG, Belo Horizonte-MG, Brasil (fbrito@cedeplar.ufmg.br).

**ABSTRACT:** The recognition that migration is, in many cases, a joint action is consolidated, but its analysis is not so present in the literature, and the lack of data is one of the biggest obstacles. Thus, the purpose of this article is to create a proxy for the migrant's condition at the time of the displacement, to bring clarification on how joint or individual the migration can be. Census data from 1991, 2000 and 2010 were used and the flow analyzed was from the Northeast Region of Brazil to the state of São Paulo. It was found that the majority of recent in-migrants were in households where former immigrants also lived, in 1991 and 2000, however, in 2010, the majority of households were made up of recent in-migrants. Such results, combined with information about the relationship between recent in-migrants and the head of the household, demonstrate that joint migration mostly involves family relationships and is predominant as a form of displacement.

**Keywords:** Migration. São Paulo. Nordeste. Household structure. Census.

## **Migración individual y conjunta: un análisis de la composición de los hogares de inmigrantes recientes en São Paulo que originan en el Nordeste – 1991, 2000 y 2010**

**RESUMEN:** El reconocimiento de que la migración es, en muchos casos, una acción conjunta está consolidado, pero su análisis no está tan presente en la literatura, y la falta de datos es uno de los mayores obstáculos. Por lo tanto, el propósito de este artículo es crear una *proxy* de la condición del migrante en el momento del desplazamiento, para proporcionar una aclaración sobre cuán conjunta o individual puede ser la migración. Se utilizaron datos del censo de 1991, 2000 y 2010 y el flujo analizado fue de la Región Nordeste al estado de São Paulo. Se descubrió que la mayoría de los inmigrantes recientes estaban en hogares donde también vivían inmigrantes antiguos, en 1991 y 2000, sin embargo, en 2010, la mayoría de los hogares estaban compuestos por inmigrantes recientes. Estos resultados, combinados con información sobre la relación de los inmigrantes recientes con la persona a cargo del hogar, demuestran que la migración conjunta implica principalmente relaciones familiares y es predominante como una forma de desplazamiento.

**Palabras clave:** Migración. São Paulo. Nordeste. Arreglos de los hogares. Censos.

## Introdução

Com a evolução dos estudos migratórios muitos fatores e motivos foram percebidos como entrelaçados ao processo. A decisão de migrar, feita como um projeto familiar, demonstrou-se uma prática comum e, mesmo quando as pessoas migram sozinhas, foi observado que muitas delas eram financiadas pelos recursos da família e/ou o faziam para diversificar o rendimento da mesma (SANDELL, 1977, MINCER, 1978, DA VANZO, 1981, LICHTER, 1983, STARK 1991, MASSEY *et al.*, 1993, PFEIFFER *et al.*, 2007, COOKE, 2008, entre outros). Em casos como esses a consideração do processo migratório como individual, comumente utilizada, torna-se inadequada.

O interesse pela análise dos domicílios e das famílias se desenvolveu na década de 1970, como indicado por Burch (1979), como consequência da maior disponibilidade de dados e de ferramentas computacionais e, também, pelo crescimento do campo teórico que considerava a família/domicílio como unidade chave de tomada de diversas decisão, como as relacionadas a fecundidade, ao casamento e a migração.

É no ambiente familiar em que as experiências humanas e as decisões pessoais são baseadas. O desenvolvimento individual se constrói com a evolução do ciclo de vida familiar, o qual, por sua vez, está conectado a contextos socioculturais mais amplos (MCGOLDRICK; CARTER; GARCIA-PRETO, 2013). Assim, a incorporação do contexto familiar no estudo da migração foi um avanço significativo na compreensão do fenômeno.

No entanto, a consideração da família nos estudos da migração é limitada. Uma das razões é a falta de dados que possibilitem sua utilização. Além disso, outra questão que influencia as pesquisas é a de que a família é mais associada as mulheres, e o papel das mulheres e sua migração ainda não é igualmente considerado e valorizado como o dos homens.

Assim, o objetivo deste artigo é criar uma categorização da migração entre individual e conjunta, o que é feito por meio de uma *proxy* que utiliza, por meio dos dados censitários, a estrutura

domiciliar dos imigrantes recentes, definidos como aqueles que residiam no destino há menos de dois anos, para uma maior aproximação da situação no momento da migração<sup>3</sup>. Com ela também é possível verificar se os imigrantes, que residiam em um mesmo domicílio no destino, realizaram o movimento ao mesmo tempo ou em diferentes momentos.

Por sua relevância nacional e importância histórica o fluxo migratório do Nordeste para o Estado de São Paulo foi o escolhido para aplicar essa categorização. Com ele é realizada uma análise da evolução do tipo de migração, nos anos de 1991, 2000 e 2010, por meio dos microdados dos Censos Demográficos. Para aprofundar os resultados foram utilizadas as variáveis de sexo e relação dos imigrantes recentes com o responsável pelo domicílio.

A análise da composição domiciliar dos imigrantes recentes significa um avanço no entendimento dos fluxos migratórios, das diferenças observadas por sexo e das alterações temporais, abrindo novas possibilidades de estudos com os dados censitários, disponíveis para todo o território nacional, sobre um aspecto ainda pouco estudado na migração interna, como ressaltado por Campos (2018), que é o da relação entre migração e estrutura domiciliar.

## **Materiais e métodos**

Os dados utilizados são provenientes dos microdados dos Censos Demográficos de 1991, 2000 e 2010. Os microdados são o menor nível de desagregação dos dados dessa pesquisa, são apresentados na forma de números que correspondem às respostas do questionário. Os dados vêm acompanhados de uma documentação que descreve cada variável (pergunta) e o significado de cada número como resposta (IBGE, 2020).

---

<sup>3</sup> Há diferentes formas de identificar os migrantes utilizando os dados censitários, como é indicado no tópico Materiais e Métodos. Os imigrantes recentes definidos no artigo são aqueles que residiam no estado de São Paulo, há menos de dois anos (nas respectivas datas de realização dos Censos) e que declararam residir anteriormente em algum estado da Região Nordeste do país.

Os Censos de 1991, 2000 e 2010 permitem identificar o município, a microrregião, a mesorregião, a região metropolitana (quando é o caso) e a região geográfica que o indivíduo residia no momento do recenseamento. Combinando tais informações com alguma daquelas disponíveis sobre o lugar de residência, em algum momento anterior, é possível identificar pessoas que mudaram sua residência, ou seja, os migrantes.

No que tange à migração interna (mudança de residência de um lugar para outro sem sair do Brasil), há algumas perguntas comuns nos censos demográficos que são utilizadas para definir migrantes e não migrantes. Uma das formas de definir os migrantes é conhecida como *lifetime migrants*. Nesse caso os migrantes são aqueles que nasceram num lugar diferente do lugar em que foram recenseados. Para identificá-los é necessário saber o lugar de nascimento, o que é feito, nos três censos, por meio da pergunta sobre a Unidade da Federação (UF) de nascimento. Mas existem algumas limitações no uso dessa informação. Não é possível identificar quando a migração foi feita, se houve mais movimentos migratórios e, ainda, caso a pessoa tenha migrado, mas estava residindo, novamente, no lugar de nascimento no momento do recenseamento, ela será considerada não migrante (BILSBORROW, 2016).

Outra forma de identificar migrantes é conhecida como *migração de data fixa*, nela é perguntado qual era o lugar de residência numa data específica. O período de cinco anos é utilizado, pois é uma aproximação do meio do período entre os censos. Sua vantagem é a determinação do período no qual ocorreu a migração, sendo fácil a definição do conceito de migração. Mas quando houver mais de um movimento migratório também se perde informação e, caso se tenha migrado e retornado para o lugar em que se residia na data fixada, a pessoa será considerada não migrante (RIGOTTI, 1999; BILSBORROW, 2016).

Por fim, tem-se a que ficou conhecida como *migração de última etapa*. Ela é identificada com a combinação do tempo de residência ininterrupto no lugar recenseado com o lugar de residência anterior. Assim, como indica o nome, ela informa qual

foi o último movimento realizado pelo migrante. Com isso, mesmo os retornados (que residiam em determinado lugar, se emigraram, mas retornaram a ele) são consideradas migrantes (RIGOTTI, 1999; BILSBORROW, 2016).

Cabe destacar que os dados censitários não realizam nenhuma investigação com relação aos motivadores da migração ou da situação dos migrantes antes de realizarem o movimento, o que limita a análise da migração a observação da situação dos migrantes no destino, na data de realização da pesquisa. Tem-se, também, o problema de o respondente não saber quando todas as pessoas do domicílio migraram, dado que é apenas uma pessoa do domicílio que reporta as informações de todos os residentes do mesmo. Além disso, os dados censitários tratam de estoques de migrantes dos que sobreviveram até a data do recenseamento e não emigraram do lugar de destino. Por conta disso, quanto mais tempo transcorrido entre a migração e o recenseamento, espera-se que menor será o número de migrantes captado, pois estes estiveram mais expostos ao “risco” de morte e de realizar outro movimento migratório (RIGOTTI, 1999).

No artigo utiliza-se a variável de última etapa, pois com ela é possível definir os imigrantes recentes. Ela permite analisar a situação dos imigrantes que acabaram de chegar até aqueles que já tinham 10 anos ininterruptos de moradia no destino. Mas para a construção do tipo de migração feita, entre individual e conjunta, faz-se delimitação dos imigrantes que tinham até dois anos de residência no destino. Os migrantes foram definidos aqui por meio do quesito de UF de residência anterior, sendo migrantes aqueles que residiam anteriormente em algum estado do Nordeste e se destinaram para o estado de São Paulo. O tempo de residência considerado também foi com relação à UF, ou seja, o tempo de moradia ininterrupto no estado de São Paulo.

Destaca-se que no Censo de 2000, não foi identificado o município de residência anterior, apenas a UF. Quando se tem a identificação do município e da UF de residência anterior, o tempo de residência na UF e no município é diferente nos casos em que houver uma migração de um município para outro num mesmo

estado. Assim, caso haja pessoas que, por exemplo, emigraram do Nordeste e foram para São Paulo e, posteriormente, migraram de um município para outro, dentro do próprio estado de São Paulo, elas não serão mais enquadradas como migrantes nos Censos de 1991 e 2010.

No entanto, em 2000, esse não é sempre o caso. A falta da pergunta sobre o município de residência anterior pode causar resultados diferentes. Como não há a pergunta de município de residência anterior, algumas pessoas podem reportar como última migração o deslocamento interestadual, pois é a única informação que foi pedida sobre a residência anterior. Assim, é importante destacar a existência de tal limitação dos dados censitários do ano de 2000 e que a consequência disso é a consideração de pessoas como imigrantes que, nos demais anos, não seriam tratadas como tal.

Para identificar se a migração do Nordeste para o estado de São Paulo era mais caracterizada por ter sido feita de forma individual ou conjunta foram considerados aqueles que imigraram para São Paulo há pouco tempo, para fazer a maior aproximação possível da estrutura domiciliar dos imigrantes no momento em que chegaram em São Paulo, criando uma *proxy* da situação da migração.

A Tabela 1 apresenta o tempo de residência dos imigrantes de São Paulo, com origem no Nordeste, nos anos de 1991, 2000 e 2010. A princípio seriam considerados os imigrantes que residiam em São Paulo há menos de um ano (com relação as respectivas datas dos Censos Demográficos), porém, ao analisar os dados se destacou uma grande diferença entre os Censos. No Censo de 1991, do total de imigrantes de última etapa, 7,64% residiam em São Paulo há menos de um ano e, em 2000 esse valor cai ainda mais, para 4,38%, enquanto que, no Censo de 2010, ocorre o inverso e o valor sobe para mais de 15%.

**Tabela 1.** Imigrantes em São Paulo, com origem no Nordeste, por tempo ininterrupto de residência (valor absoluto e %) – 1991, 2000 e 2010

Tempo ininterrupto de residência em São Paulo	1991		2000		2010	
	Total	%	Total	%	Total	%
0 – menos de 1 anos	83.375	<b>7,64</b>	73.377	<b>4,39</b>	177.619	<b>15,18</b>
1 – de 1 a 2 anos	187.582	17,20	179.282	10,72	153.714	13,14
2 – de 2 a 3 anos	166.874	15,30	178.583	10,68	157.114	13,43
3 – de 3 a 4 anos	149.069	13,67	208.840	12,49	144.410	12,34
4 – de 4 a 5 anos	134.076	12,29	242.040	14,47	120.266	10,28
5 – de 5 a 6 anos	112.928	10,35	178.488	10,67	81.799	6,99
6 – de 6 a 7 anos	97.017	8,89	205.855	12,31	97.717	8,35
7 – de 7 a 8 anos	54.823	5,03	146.160	8,74	75.134	6,42
8 – de 8 a 9 anos	66.155	6,06	149.927	8,96	98.170	8,39
9 – de 9 a 10 anos	38.957	3,57	110.098	6,58	64.120	5,48
Total	1.090.855	100	1.672.649	100	1.170.063	100

Fonte: elaborado a partir dos microdados dos Censos Demográficos de 1991, 2000 e 2010 (2020).

Tais diferenças sobre o tempo de residência na Unidade de Federação (UF), entre os Censos, indicam alguma alteração. Shryock e Siegel (1980) afirmam que os erros de um censo demográfico podem ocorrer desde a enumeração até o processamento dos



dados, podendo ser resultantes de erros de cobertura (pessoas que não foram contadas ou foram contabilizadas mais de uma vez), erros no questionário ou no momento da gravação das respostas. No caso em questão podem ter ocorridos erros de memória, que geralmente aumentam quanto mais distante no tempo é necessário retroceder para responder à pergunta. Mas como são utilizados os anos mais próximos à data de realização dos censos, espera-se que os erros de memória sejam poucos.

Como também destacado por Shryock e Siegel (1980), perguntas que não definem explicitamente o tempo a que se referem, como “durante o ano passado...” ou “durante o último ano...”, podem ser interpretadas de diferentes formas pelos respondentes, sendo que alguns responderão corretamente, em relação aos 12 meses anteriores, enquanto outros estarão se referindo a períodos maiores ou menores, dependendo, por exemplo, das tradições culturais da população pesquisada.

A pergunta em questão sobre o tempo de residência no domicílio não se refere apenas aos 12 meses anteriores, porém, como o Censo de 1991 tem como referência 31 de agosto, o de 2000, o dia 1º de agosto, e o de 2010, o dia 31 de julho, podem ter ocorridos erros, principalmente daqueles que declararam residir há menos de um ano na UF. Possivelmente, alguns migrantes podem ter considerado apenas o período do ano corrente e não até a metade do ano anterior, quando se completam os 12 meses. Observando os dados, isso poderia ter ocorrido nos Censos de 1991 e 2000, mas não no de 2010. Por conta disso, foram analisadas as perguntas referentes ao tempo de residência dos três Censos para identificar se houve alguma alteração no quesito.

No Censo Demográfico de 1991, a pergunta com relação ao tempo de residência era: “Anos em que mora na Unidade da Federação”. Em 2000, a pergunta foi alterada para: “Há quanto tempo mora sem interrupção nessa Unidade da Federação?” No Censo Demográfico de 2010, a pergunta manteve-se praticamente a mesma: “Há quanto tempo mora sem interrupção nessa Unidade da Federação (Estado)?” Porém, uma observação é feita para o aplicador do questionário, que é: “se inferior a 1 ano, registre 0”.

Na verdade, a observação de marcar zero, caso o tempo de residência fosse inferior há um ano é feita em todos os censos em questão, porém a especificação, no Censo de 1991, é feita no manual do recenseador e, no Censo de 2000, no arquivo de descrição das variáveis, enquanto que no de 2010 ela está disposta no próprio questionário da amostra.

Essa ressalva feita no próprio questionário da amostra do Censo de 2010 indica que pode ter ocorrido erros no momento do preenchimento da resposta nos censos anteriores, provavelmente com aplicadores indicando 1, ao invés de 0, para aqueles que declararam residir na UF há menos de um ano.

Por conta da diferença na proporção de migrantes recentes e dessa alteração, optou-se por agregar aqueles que residiam entre 1 e 2 anos na UF ao estudo, assim, são considerados imigrantes recentes em São Paulo, os que residiam há menos de dois anos no estado. Com essa agregação, os imigrantes recentes representavam, em 1991, 24,8% dos imigrantes de última etapa originados no Nordeste e, em 2000 e 2010, respectivamente, 15,1% e 28,2%.

Ao analisar as características das pessoas que compunham o domicílio dos migrantes recentes, espera-se ter uma *proxy* que indique se os imigrantes realizaram o movimento de forma individual ou conjunta<sup>4</sup>. Para categorizar a migração entre individual ou conjunta, os imigrantes recentes foram divididos em dois grupos:

1) *Migrantes individuais*: composto por aqueles (i) imigrantes recentes que residiam em domicílios unipessoais ou por (ii) imigrantes recentes que residiam em domicílios em que eram o único imigrante (recente ou antigo);

2) *Migrantes conjuntos*: formado por (i) imigrantes recentes que residiam em um domicílio com outro(s) imigrante(s) recentes e também com não imigrantes, (ii) imigrantes recentes que residiam em domicílios em que todos os membros eram imigrantes recentes; (iii) imigrantes recentes que residiam em domicílios em que, pelo menos um membro era um imigrante antigo, podendo ter, ou não, não migrantes.

---

<sup>4</sup> O desenvolvimento do algoritmo encontra-se no Apêndice.

Cabe destacar que todas as pessoas do domicílio foram mantidas, sendo essas enquadradas entre: imigrantes recentes, que são os com menos de dois anos de residência em São Paulo; imigrantes antigos, que residiam em São Paulo há no mínimo dois anos e, no máximo, há dez anos; e não migrantes, podendo ser imigrantes originados em outras regiões (inter e intraestaduais) ou pessoas que nunca migraram.

Uma limitação dos dados se dá com relação ao efeito indireto da migração. Ribeiro, Carvalho e Wong (1996) dividem o efeito indireto em dois. O efeito indireto do tipo um refere-se à imigração de não naturais, associada ao retorno de naturais, e o efeito indireto do tipo dois refere-se aos nascimentos na região de destino, de filhos de naturais retornados. Dado que a migração de retorno não é especificada na análise, é o efeito indireto do tipo dois que pode ocorrer e alterar a categorização dos migrantes.

Como o algoritmo é construído com base no arranjo domiciliar e a condição de migração, o efeito indireto do tipo dois ocorre quando um imigrante recente tem um filho no destino. Com os dados censitários seria possível identificar os filhos/enteados apenas do responsável pelo domicílio, o que limita o tratamento do efeito do tipo dois.

Além disso, como o foco são os imigrantes recentes, o efeito indireto do tipo dois é pequeno, pois se refere apenas a crianças que nasceriam no destino em um período inferior há dois anos. Assim, pelo pequeno efeito e possibilidade apenas parcial de identificação dos filhos de imigrantes recentes que nasceram no destino, optou-se por não realizar nenhuma alteração no algoritmo, apenas evidenciar aqui sua ocorrência.

O avanço metodológico da categorização do tipo de migração está na criação de um algoritmo que possibilita identificar se existia mais de um imigrante residindo no domicílio e se os mesmos migraram juntos (se possuíam o mesmo tempo de residência no destino) ou se a migração foi realizada em diferentes momentos no tempo (se possuíam tempos de residência distintos).

## Resultados

Os imigrantes recentes, com menos de dois anos de residência no estado de São Paulo, que eram originados no Nordeste, apresentaram, nos três períodos considerados, uma distribuição equilibrada entre os sexos, como mostra a Tabela 2. As mulheres foram maioria apenas no ano de 2000, eram 51,3% do total, sendo que a maior diferença entre os sexos foi observada em 2010, quando 53,4% dos imigrantes recentes eram homens e 46,6% mulheres.

**Tabela 2.** Imigrantes recentes em São Paulo, com origem no Nordeste, por sexo (valor absoluto e %) – 1991, 2000 e 2010

Ano	Imigrantes recentes			Distribuição % por sexo		
	Mulheres	Homens	Total	Mulheres	Homens	Total
1991	130.886	140.070	270.956	48,3	<b>51,7</b>	100
2000	129.652	123.007	252.659	<b>51,3</b>	48,7	100
2010	154.443	176.890	331.333	46,6	<b>53,4</b>	100

Fonte: elaborado a partir dos microdados dos Censos Demográficos de 1991, 2000 e 2010 (2020).

Nota: Os imigrantes recentes são aqueles que, nas datas de referência dos respectivos censos, residiam no estado de São Paulo há menos de dois anos.

A distribuição relativa das mulheres e dos homens imigrantes recentes no Estado de São Paulo, com origem no Nordeste, entre os que realizaram uma migração individual e uma migração conjunta está exposta na Tabela 3.

Com relação as mulheres imigrantes recentes, a migração individual teve um aumento no primeiro momento, mas depois houve uma queda maior; a migração individual foi feita por 21,75% das imigrantes recentes em 1991, por 22,5% em 2000 e, por 20,4% em 2010. Entre os homens, a maior participação da migração individual foi no ano de 1991, de 24,3%, caindo para pouco mais de 20% em 2000 e 2010.

Verifica-se, portanto, que a migração, conforme as categorias criadas, foi feita de forma muito mais conjunta do que individual, chegando a migração conjunta a representar quase 80% da migração total, em 2010. No primeiro ano a diferença entre os sexos foi de 2,5 pontos percentuais (p.p.), com os homens se deslocando mais de forma individual do que as mulheres. Em 2000, a diferença foi de 2,2 p.p., com as mulheres passando a migrar mais de forma individual do que os homens. Já no último ano houve quase igualdade entre os sexos, com uma diferença de apenas 0,2 p.p.

**Tabela 3.** Imigrantes recentes em São Paulo, com origem no Nordeste, por tipo de migração e sexo (%) – 1991, 2000 e 2010

Tipo de migrante	Mulheres			Homens		
	1991	2000	2010	1991	2000	2010
Individual	21,8	22,5	20,4	24,3	20,3	20,2
Conjunta	78,2	77,5	79,6	75,7	79,7	79,8
Total	100	100	100	100	100	100

Fonte: Elaborado a partir dos microdados dos Censos Demográficos de 1991, 2000 e 2010 (2020).

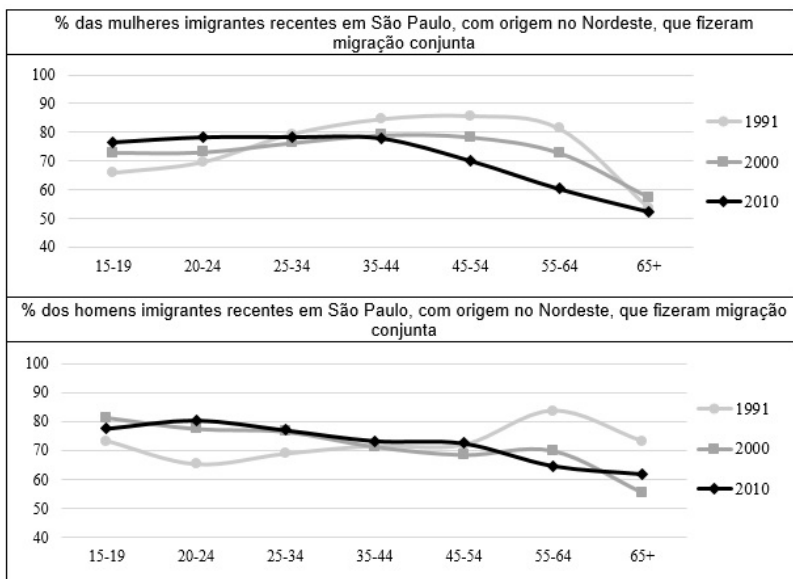
Nota: Os imigrantes recentes são aqueles que, nas datas de referência dos respectivos censos, residiam no estado de São Paulo há menos de dois anos.

A Figura 1 expõe o percentual de imigrantes recentes que fizeram uma migração conjunta por faixa etária (os gráficos do percentual que fez migração individual não foram apresentados por serem o complemento da migração conjunta). Com ela é possível verificar se ocorrem alterações no tipo de migração realizada conforme a idade do migrante, indicando relações com o ciclo de vida.

O primeiro gráfico da Figura 1 refere-se às mulheres imigrantes recentes originadas no Nordeste, nos três anos considerados. Observa-se que houve alteração do perfil da curva ao longo do tempo, com aumento do peso da migração conjunta nas faixas etárias mais jovens, dos 15 a 19 anos e dos 20 a 24 anos, e redução, a partir da faixa dos 35 aos 44 anos.

Por sua vez, os segundo gráfico da Figura 1 apresentam as informações dos homens imigrantes recentes originados no Nordeste. Nota-se uma relação decrescente da migração conjunta com a idade nos dois últimos anos – iniciando próximo dos 80%, entre os 15 e 19 anos, e ficando próximo dos 60%, na faixa dos 60 anos e mais.

**Figura 1.** Proporção de imigrantes recentes em São Paulo, com origem no Nordeste, que fizeram migração conjunta, por sexo e faixa etária – 1991, 2000 e 2010



Fonte: elaborado a partir dos microdados dos Censos Demográficos de 1991, 2000 e 2010 (2020).

Nota: Os imigrantes recentes são aqueles que, nas datas de referência dos respectivos Censos, residiam no estado de São Paulo há menos de dois anos.

A Figura 1 mostra que, há uma tendência geral, ao longo do tempo, de aumento da migração conjunta nas idades mais jovens, com maior parcela realizando o movimento com outras pessoas,

enquanto que nas idades mais velhas tem-se o efeito contrário, com aumento do peso relativo das pessoas migrando sozinhas.

A Tabela 4 expõe a distribuição dos imigrantes recentes, por sexo, com relação a todos os tipos de arranjo domiciliar; tanto os que compõe a migração individual quanto a conjunta. Os arranjos domiciliares considerados na categoria de migração individual foram os unipessoais de imigrantes recentes e aqueles em que residia apenas um imigrante recente com não migrantes. Os domicílios em que mais do que um residente era imigrante recente e que tinham não migrantes, os em que todos os residentes eram imigrantes recentes ou, ainda, em que haviam tanto imigrantes recentes como imigrantes antigos, podendo também ter não migrantes, formam a categoria de migração conjunta.

O domicílio menos representativo da estrutura em que se encontravam os imigrantes recentes no destino é o unipessoal, principalmente entre as mulheres. Houve crescimento de sua participação no período considerado, sendo que menos de 1% das imigrantes recentes, originados no Nordeste, estavam num domicílio unipessoal em 1991 e, em 2010, passou para 2% do total. Entre os homens imigrantes recentes, o domicílio unipessoal teve maior peso no primeiro ano, com pouco mais de 14% do total. Nos períodos seguintes houve queda de sua participação e, em 2010, apenas 5,4% dos homens imigrantes recentes residiam neles.

Partindo para a outra ponta, ou seja, para os domicílios em que se encontrava a maior proporção de imigrantes recentes, tem-se que nos primeiros dois censos e para ambos os sexos, os imigrantes recentes estavam em domicílios em que residia também, pelo menos, um imigrante antigo. Em 2010, passou a ser o domicílio composto inteiramente por imigrantes recentes o de maior representatividade, nele encontravam-se quase 40% das mulheres e 36% dos homens imigrantes recentes.

Verifica-se que as maiores diferenças entre os sexos, em 1991, eram com relação aos que residiam em domicílios unipessoais e naqueles com apenas um imigrante recente. Em 2000 as diferenças entre os sexos reduziram-se, com maior disparidade nos domicílios com apenas um imigrante recente, seguido dos domicílios em

que todos eram imigrantes recentes. Por fim, em 2010, a maior diferença entre os sexos foi com relação aos domicílios em que todos eram imigrantes recentes, seguido por aqueles com apenas um imigrante recente.

**Tabela 4.** Imigrantes recentes em São Paulo, com origem no Nordeste, por tipo de domicílio que residiam no destino e sexo (%) – 1991, 2000 e 2010

Tipo de arranjo domiciliar	Mulheres			Homens		
	1991	2000	2010	1991	2000	2010
Unipessoal	0,8	1,2	2,0	14,3	4,5	5,4
Com 1 imigrante recente	21,0	21,3	18,4	10,0	15,8	14,8
Com mais de 1 imigrante recente	18,1	14,7	17,8	15,5	13,7	14,8
Todos imigrantes recentes	26,9	22,5	<b>36,1</b>	27,9	26,1	<b>39,9</b>
Com imigrante recente e antigo	<b>33,3</b>	<b>40,2</b>	25,7	<b>32,3</b>	<b>39,9</b>	25,1
Total	100	100	100	100	100	100

Fonte: Elaborado a partir dos microdados dos Censos Demográficos de 1991, 2000 e 2010 (2020).

Nota: Os imigrantes recentes são aqueles que, nas datas de referência dos respectivos Censos, residiam no estado de São Paulo há menos de dois anos.

Para compreender melhor a dinâmica dos imigrantes recentes foram apuradas as relações dos mesmos com o responsável pelo domicílio. A Tabela 5 traz as informações referentes aqueles imigrantes recentes que residiam em domicílio unipessoal, tipo de domicílio de menor representação dos imigrantes recentes.

Com relação as mulheres, sempre houve maior concentração daquelas que moravam sozinhas e eram responsáveis pelo domicílio, ocorrendo considerável aumento de sua concentração nessa categoria, saindo de 53% em 1991, passando para 77,4% em 2000 e, chegando a mais de 82% em 2010. Entre os homens, nota-se



uma inversão, no primeiro ano quase 88% residindo em domicílio coletivo<sup>5</sup>, passando apenas para 35,5%, em 2000, e 46% em 2010.

**Tabela 5.** Imigrantes recentes em São Paulo, com origem no Nordeste, que residiam em domicílio unipessoal, por posição no domicílio e sexo (%) – 1991, 2000 e 2010

Posição no Domicílio	Mulheres			Homens		
	1991	2000	2010	1991	2000	2010
Responsável	52,99	77,36	82,36	12,01	64,52	53,83
Individual em domicílio coletivo	47,01	22,64	17,64	87,99	35,48	46,17
Total	100	100	100	100	100	100

Fonte: Elaborado a partir dos microdados dos Censos Demográficos de 1991, 2000 e 2010 (2020).

Nota: Os imigrantes recentes são aqueles que, nas datas de referência dos respectivos Censos, residiam no estado de São Paulo há menos de dois anos.

Entre os imigrantes recentes que residiam em um domicílio em que eram o único imigrante – Tabela 6 – a maior concentração foi de imigrantes recentes que estavam na categoria de outro parente. Em 1991, 33% das mulheres e mais de 60% dos homens encontravam-se nessa posição. No último ano o peso relativo entre as mulheres que eram outro parente aumentou para 36,7% e diminuiu para 43,8% entre os homens. Também houve uma concentração considerável daquelas que eram cônjuges do responsável, chegando a 25,6% em 2010.

Observa-se queda expressiva das mulheres que eram empregadas domésticas ou parentes da empregada doméstica no

---

<sup>5</sup> O domicílio coletivo é caracterizado, nos Censos, por ser uma instituição ou estabelecimento onde a relação entre as pessoas que nele se encontravam, moradoras ou não, era restrita a normas de subordinação administrativa, como em hotéis, motéis, camping, pensões, penitenciárias, presídios, casas de detenção, quartéis, postos militares, asilos, orfanatos, conventos, hospitais e clínicas (com internação), alojamento de trabalhadores ou de estudantes etc.

período: em 1991, 35,4% de todas as mulheres que residiam em um domicílio em que eram a única imigrante encontravam-se nessa posição, caindo para 13% em 2000 e, 6,3% em 2010.

Como verificado em todos os tipos de domicílio houve, no ano de 2010, um aumento expressivo das mulheres imigrantes recentes na posição de responsável pelo domicílio, nesse caso, saíram de 1,4% no primeiro ano para 16,4% no último. Entre os homens houve aumento da participação daqueles que eram cônjuges do responsável, saindo de 0,6%, em 1991, para mais de 11% no último ano.

**Tabela 6.** Imigrantes recentes em São Paulo, com origem no Nordeste, que residiam em domicílio com não migrantes e em que eram o único imigrante, por posição no domicílio e sexo (%) – 1991, 2000 e 2010

Posição no Domicílio	Mulheres			Homens		
	1991	2000	2010	1991	2000	2010
Responsável	1,4	5,0	16,4	17,5	23,5	24,2
Cônjuge	17,0	24,9	25,6	0,6	3,1	11,2
Filho(a)/Enteado(a)	4,9	16,8	8,6	9,0	24,3	11,8
Outro parente	33,0	<b>35,3</b>	<b>36,7</b>	<b>60,6</b>	<b>43,6</b>	<b>43,8</b>
Agregado(a)/pensionista	8,3	5,0	6,4	11,2	5,0	8,7
Empregado(a) Doméstico(a) e seu parente	<b>35,4</b>	13,0	6,3	1,2	0,3	0,2
Total	100	100	100	100	100	100

Fonte: Elaborado a partir dos microdados dos Censos Demográficos de 1991, 2000 e 2010 (2020).

Nota: Os imigrantes recentes são aqueles que, nas datas de referência dos respectivos Censos, residiam no estado de São Paulo há menos de dois anos. Não migrantes são aqueles que não realizaram uma migração Nordeste-São Paulo na década.

Entre os que residiam em um domicílio em que havia ao menos outro imigrante recente e também não migrantes, houve uma alta concentração de homens na posição de outro parente, de

responsável pelo domicílio e de filho/enteado e, entre as mulheres, na posição de outro parente, de cônjuge do responsável e de filha/enteada, como pode ser visto na Tabela 7.

Cabe destacar que houve queda considerável dos que eram filhos ou enteados do responsável quando comparado o primeiro com o último ano, saindo de 29,2% e passando para 23,8% entre as mulheres e, de quase 33% para 22,7% entre os homens. Já os outros parentes tiveram sua participação praticamente estável, na casa dos 30% para as mulheres e dos 34% para os homens.

**Tabela 7.** Imigrantes recentes em São Paulo, com origem no Nordeste, que residiam em domicílios com pelo menos outro imigrante recente e com não migrantes, por posição no domicílio e sexo (%) – 1991, 2000 e 2010

Posição no Domicílio	Mulheres			Homens		
	1991	2000	2010	1991	2000	2010
Responsável	2,4	4,0	13,3	25,6	27,4	24,9
Cônjuge	29,7	<b>33,9</b>	28,3	0,1	1,7	7,6
Filho(a)/enteado(a)	29,2	31,5	23,8	32,8	<b>37,1</b>	22,7
Outro parente	<b>30,6</b>	26,8	<b>29,8</b>	<b>34,3</b>	29,7	<b>33,6</b>
Agregado(a)/pensionista	3,5	2,3	4,3	5,9	3,9	10,8
Empregado(a) Doméstico(a) e seu parente	4,6	1,5	0,5	1,3	0,2	0,3
Total	100	100	100	100	100	100

Fonte: Elaborado a partir dos microdados dos Censos Demográficos de 1991, 2000 e 2010 (2020).

Nota: Os imigrantes recentes são aqueles que, nas datas de referência dos respectivos Censos, residiam no estado de São Paulo há menos de dois anos. Não migrantes são aqueles que não realizaram uma migração Nordeste-São Paulo na década.

Nos domicílios que eram formados inteiramente por imigrantes recentes percebe-se a concentração das relações

familiares mais próximas, com elevada participação dos responsáveis e dos filhos/enteados entre os homens e das cônjuges e filhas/enteadas entre as mulheres. Ao longo do período, houve queda considerável daqueles em posição de filhos/enteados para ambos os sexos, o que pode refletir a própria queda da fecundidade no país nesse período.

As mulheres também apresentaram queda com relação as que eram cônjuges, porém houve aumento significativo das em condição de responsável pelo domicílio, chegando a 19,3% em 2010. Os homens reduziram sua participação como responsáveis no último ano, mas houve incremento, principalmente, dos que eram cônjuges, em 1991 apenas 0,3% eram cônjuges e, em 2010, 9,5% estavam nessa posição.

**Tabela 8.** Imigrantes recentes em São Paulo, com origem no Nordeste, que residiam em domicílios em que todos eram imigrantes recentes, por posição no domicílio e sexo (%) – 1991, 2000 e 2010

Posição no Domicílio	Mulheres			Homens		
	1991	2000	2010	1991	2000	2010
Responsável	4,5	8,7	19,3	<b>43,3</b>	<b>45,6</b>	<b>38,0</b>
Cônjuge	41,6	<b>45,4</b>	<b>37,0</b>	0,3	1,5	9,5
Filho(a)/enteadado(a)	<b>43,5</b>	38,0	29,8	41,6	40,0	23,9
Outros	10,4	7,9	13,9	14,8	12,9	28,5
Total	100	100	100	100	100	100

Fonte: Elaborado a partir dos microdados dos Censos Demográficos de 1991, 2000 e 2010 (2020).

Nota: Os imigrantes recentes são aqueles que, nas datas de referência dos respectivos Censos, residiam no estado de São Paulo há menos de dois anos.

Por fim, entre os imigrantes recentes que residiam em um domicílio em que havia ao menos um imigrante antigo, ou seja, que chegou em São Paulo antes deles, podendo residir também não migrantes, observa-se grande peso das relações familiares mais distantes com o responsável pelo domicílio.

Os imigrantes recentes que eram outro parente do responsável apresentaram queda no período, em 1991 47% das mulheres e quase 58% dos homens estavam nessa posição e, em 2010, representava 38,4% das mulheres e 47% dos homens. Na sequência estavam os que eram filho/enteado do responsável, cerca de 24% das mulheres e 22% dos homens, em 2010. Nota-se aumento, no período, daqueles imigrantes recentes na posição de agregado ou pensionista. Em 1991, representavam 4,7% das mulheres e 9,5% dos homens e, em 2010, quase 6% das mulheres e 14% dos homens.

**Tabela 9.** Imigrantes recentes em São Paulo, com origem no Nordeste, que residiam em domicílios em que também residiam imigrantes antigos, por posição no domicílio e sexo (%) – 1991, 2000 e 2010

Posição no Domicílio	Mulheres			Homens		
	1991	2000	2010	1991	2000	2010
Responsável	2,8	3,7	11,2	11,2	11,6	14,1
Cônjuge	21,4	21,8	19,6	0,1	0,6	2,8
Filho(a)/Enteado(a)	21,2	26,9	24,2	21,0	29,1	21,9
Outro parente	<b>47,1</b>	<b>42,4</b>	<b>38,4</b>	<b>57,9</b>	<b>51,4</b>	<b>47,0</b>
Agregado(a)/pensionista	4,7	3,6	5,9	9,5	7,1	14,0
Empregado(a) Doméstico(a) e seu parente	2,7	1,6	0,6	0,1	0,1	0,1
Total	100	100	100	100	100	100

Fonte: Elaborado a partir dos microdados dos Censos Demográficos de 1991, 2000 e 2010 (2020).

Nota: Os imigrantes recentes são aqueles que, nas datas de referência dos respectivos Censos, residiam no estado de São Paulo há menos de dois anos. Os imigrantes antigos são aqueles que emigraram do Nordeste e residiam no Estado de São Paulo há pelo menos dois anos e, no máximo, há dez anos. Nesse tipo de domicílio também podem residir não migrantes, os não migrantes são aqueles que não realizaram uma migração Nordeste-São Paulo na década.

Apesar da queda, os filhos/enteados também eram consideráveis nesse tipo de domicílio, mais de 20% para ambos os sexos, sendo seguidos, entre os homens pelos responsáveis do domicílio (14%) e, entre as mulheres das que eram cônjuges (19,6%), havendo aumento daquelas que eram responsáveis pelo domicílio no último ano.

## **Discussão**

O período considerado no artigo, entre as décadas de 1980 e 2000, foi marcado por mudanças no comportamento migratório brasileiro, como ressalta Brito, Garcia e Souza (2004). Na década de 1980 ocorreram transformações na economia e na sociedade, com destaque para a crise econômica. Devido aos avanços nas telecomunicações e nas redes de interação sociais, foi possível identificar mais facilmente os problemas enfrentados nas grandes cidades, como violência, desemprego, dificuldade de acesso aos serviços públicos e de habitação, desconstruindo a ideia de que a vida no destino de migração traria apenas benefícios.

No entanto alguns movimentos migratórios permaneceram, e entre eles, principalmente o de origem nordestina, que se destina em sua maioria para o estado de São Paulo, ainda estimulado pelos desequilíbrios regionais. O estado de São Paulo, o mais atrativo no quesito populacional, apresentou queda de 100 mil imigrantes comparado com a década anterior, mas ainda foram registrados, no quesito de última etapa, cerca de 2,6 milhões de imigrantes entre 1981 e 1991. A maior novidade da década de 1980 é que o estado também passou a apresentar o maior número de emigrantes interestaduais do país, com muitos se destinando para os grandes reservatórios de mão de obra: região Nordeste e Minas Gerais (BRITO, 2000; BRITO; GARCIA; SOUSA, 2004).

Nos anos 1990 houve uma diversificação dos movimentos migratórios interestaduais no Nordeste; Bahia e Maranhão depararam-se com grandes perdas populacionais, enquanto o Ceará, a Paraíba e o Pernambuco reduziram as suas (CUNHA; BAENINGER, 2006). As informações levantadas pelo Censo de

2000, no quesito de data fixa, apontaram que 3,3 milhões de pessoas migraram entre as regiões brasileiras, sendo a migração entre o Nordeste e o Sudeste o destaque, com o primeiro apresentando a maior emigração líquida – 760 mil pessoas. A região Sudeste continuou com o maior saldo positivo (459 mil), sendo que quase 70% dos que imigraram para ela haviam saído do Nordeste. Apenas no estado de São Paulo houve a imigração de mais de 1,2 milhões de pessoas e a emigração de cerca de 884 mil, resultando em um saldo positivo de 340 mil pessoas (OLIVEIRA; ERVATTI; O'NEILL, 2011).

Baeninger (2012) analisou a migração interna recente brasileira, com base nos dados dos Censos de 2000 e 2010, a partir dos dados de data fixa, cobrindo os períodos de 1995-2000 e 2005-2010. Utilizou, também, as Pesquisas Nacionais por Amostra Domiciliar (PNADs), para os períodos de 1999-2004, 2001-2006, 2003-2008 e 2004-2009. Ela destaca a queda dos volumes migratórios interestaduais, o que não indica estagnação das migrações, mas sim desdobramento e formação de outros arranjos migratórios.

Destaca-se que na primeira década dos anos 2000, desenvolveu-se uma nova relação entre a migração do Nordeste-Sudeste, principalmente por conta do aumento do papel da migração de retorno para o Nordeste e a própria redução do fluxo em direção ao Sudeste, em resposta à reorganização industrial nacional e internacional do Rio de Janeiro e, principalmente, da Região Metropolitana de São Paulo. O estado de São Paulo, considerando as migrações interestaduais, recebeu mais população do que enviou da Bahia, Ceará, Maranhão, Pernambuco e Piauí (mesmo que em menor quantidade do que nas décadas anteriores). Porém, com o restante do país foi considerado como uma área de rotatividade, por isso perde seu status de polo nacional das migrações do Brasil, que deteve por mais de 50 anos, passando ao status de área de rotatividade migratória nacional (BAENINGER, 2012).

O exposto mostra que o fluxo Nordeste-São Paulo é uma trajetória migratória consolidada, possuindo tanto flexibilidade frente as mudanças, quanto um componente inercial, decorrente

da cultura migratória. Tais características resultam em certa estabilidade para a análise temporal. O estado de São Paulo é caracterizado por seu espaço migratório de dimensão nacional estabelecido há décadas, perdurando sua atratividade mesmo com a brusca redução de possibilidade de ascensão econômica e social com a migração e com todas as externalidades negativas encontradas (BRITO, 2000).

Considerando a abordagem feita para analisar a migração, é preciso destacar que por muito tempo o fenômeno da migração foi estudado considerando uma análise individual e andocêntrica. Os homens eram vistos como os agentes que migravam, considerados independentes e aventureiros, com laços mais fracos com a família e com o local de origem. A existência da migração das mulheres também era reconhecida, no entanto, apenas como uma resposta à ação tomada pelo homem, ou seja, de forma passiva, realizada para acompanhar o marido e/ou família (SANDELL, 1977; BOYD; GRIECO, 2003; HONDAGNEU-SOTELO, 2000; ASSIS, 2007; MARINUCCI, 2007; entre outros).

A análise do tipo de domicílio dos imigrantes recentes teve como objetivo se aproximar das condições dos imigrantes em São Paulo, com origem no Nordeste, no momento de sua migração. Os resultados encontrados mostram que grande parte da migração se deu de forma conjunta; durante todo o período essa foi a forma de migração de mais de 75% dos imigrantes recentes, inclusive com aumento no período, chegando a quase 80% do total no último ano, o que reforça a importância da consideração da família/domicílio no entendimento do fluxo em questão, consolidado há décadas e com grande rotatividade dos migrantes entre a origem e destino, o que reforça os laços familiares dos migrantes com ambas as localidades.

Atentando para o sexo dos imigrantes recentes verificou-se que a distribuição do tipo de migração feita é muito próxima e praticamente se igualou no último ano, o que não corrobora a literatura que afirma que as mulheres realizam migração mais conjunta, associada à família, do que os homens.



Quanto aos resultados por faixa etária, destacaram-se as alterações ao longo do período. De modo geral, houve aumento da migração conjunta nas idades mais jovens (15 a 19 anos e 20 a 24 anos), com maior parcela realizando o movimento com outras pessoas, enquanto nas idades mais velhas (a partir da faixa dos 35 aos 44 anos) tem-se o efeito contrário, com aumento do peso relativo das pessoas que migraram sozinhas.

As fontes dessas mudanças merecem mais estudos, mas aparentam relação com as mudanças no ciclo de vida. De Jong e Graefe (2008) consideram que a teoria do ciclo de vida, quando utilizada nos estudos da migração, avalia as causas e as consequências do comportamento migratório enquanto influenciados pelas transições, ao longo da vida, da própria família e também do seu status socioeconômico. Harbison (1981) ressalta que as abordagens do ciclo de vida familiar mostraram que a estrutura e o status de cada membro dentro da família afetam a decisão de migrar e que algumas fases da vida estimulam mais a migração, como a de estudos, iniciação no mercado de trabalho e de casamento.

Nas últimas décadas muitas mudanças demográficas entraram em vigor, como a queda da nupcialidade, o aumento de uniões estáveis e a redução de casamentos, o aumento do número de filhos nascidos fora do casamento, do número de casais homossexuais, a maior entrada das mulheres no mercado de trabalho, a postergação do casamento, o aumento de casais de renda dupla e da expectativa de vida, entre outros (O'RAND; KRECKER, 1990; MCGOLDRICK; CARTER; GARCIA-PRETO, 2013).

Assim, o aumento da migração conjunta nas idades mais jovens pode estar associado a mudanças como a entrada mais tardia no mercado de trabalho, decorrente, em parte, do aumento do nível de instrução da população, resultando em maior parcela dos migrantes que já estavam unidos quando migraram. Na outra ponta, a redução da migração familiar nas idades mais velhas pode ter relação com o aumento das separações e da reunificação familiar em função da necessidade de cuidado ou mesmo de auxílio

na prestação de cuidados a outros membros, principalmente no caso das mulheres, demandas que aumentam em conjunto com o aumento da expectativa de vida da população.

Desagregando os tipos de migração pelos arranjos domiciliares que os compõem, constatou-se que o maior peso relativo para os originados no Nordeste foi dos domicílios em que residiam imigrantes recentes e antigos nos dois primeiros anos, e no último passou a ser dos domicílios onde residiam apenas imigrantes recentes. Na última década considerada, houve melhorias no mercado de trabalho, com redução da taxa de desemprego e aumento da formalização (ALVES, CORRÊA, 2009), possivelmente contribuindo para que a migração pudesse ser realizada ao mesmo tempo pelas famílias, resultando em maior número de arranjos domiciliares formados inteiramente por imigrantes recentes.

Para compreender melhor as relações familiares/domiciliares dos imigrantes recentes, foram apuradas as relações destes com o responsável pelo domicílio em que residiam no destino. Destaca-se aqui, entre as mulheres imigrantes recentes que residiam em domicílios em que eram as únicas imigrantes, a queda expressiva das que eram empregadas domésticas ou parentes da empregada doméstica: em 1991, essa era a relação com o responsável do domicílio de mais de 37% das imigrantes recentes, caindo, em 2010, para 6,3%. Guerra (2017) destaca que a redução do número de mulheres que trabalhavam como empregadas domésticas, especialmente das que residiam no domicílio, é resultado de mudanças culturais, como o aumento da escolaridade e a resistência a exercer essa atividade, pouco valorizada econômica e socialmente.

Outras mudanças observadas estão relacionadas à transição demográfica, como aumento dos homens na posição de cônjuge e aumento das mulheres na posição de responsáveis do domicílio, resultado tanto de melhorias nas relações de gênero, com aumento das declarações de mulheres como responsáveis, assim como do aumento dos domicílios monoparentais, que são predominantemente femininos (ALVES; CORRÊA, 2009; WAJNMAN, 2012).

Houve também concentração significativa de imigrantes recentes com relações mais distantes com o responsável pelo domicílio, o que confirma a importância da existência de parentes no destino, que auxiliam o imigrante em sua chegada fornecendo moradia. Além de os homens serem mais encontrados na posição de responsável pelo domicílio e de mulheres na posição de cônjuge, não foram verificadas discrepâncias significativas entre a distribuição das mulheres e dos homens imigrantes recentes, referente a sua relação com responsável, mostrando, novamente, que as relações familiares são igualmente importantes para as mulheres e homens migrantes.

As informações sobre a posição dos imigrantes recentes no domicílio também possibilitaram verificar padrões de relacionamentos diferentes conforme o tipo de domicílio ao qual o imigrante se destinou, com aqueles que se encontravam em domicílio inteiramente formado por imigrantes recentes concentrados na família nuclear, em posição de responsável do domicílio, cônjuge e filhos/enteados, ao passo que os que residiam em domicílios com imigrantes antigos, ou mesmo em domicílios que nem todos eram imigrantes recentes, apresentaram elevada participação daqueles com relações mais distantes de parentesco.

## Referências

ALVES, J. E. D.; CORRÊA, S. Igualdade e desigualdade de gênero no Brasil: um panorama preliminar, 15 anos depois do Cairo. In: **Seminário Brasil**, 15 anos após a conferência do Cairo. Associação Brasileira de Estudos Populacionais (ABEP). Belo Horizonte, ago. 2009, 111 p.

ASSIS, G. de O. Mulheres migrantes no passado e no presente: gênero, redes sociais e migração internacional. **Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 3, n. 15, p. 745-772, set./dez. 2007.

BAENINGER, R. Rotatividade Migratória: um novo olhar para as migrações internas no Brasil. **Rev. Inter. Mob. Hum. Brasília**, Ano XX, n. 39, p. 77-100, jul./dez. 2012.

BILSBORROW, R. E. Concepts, definitions and data collection approaches. In: WHITE, M. J. (Ed.). **International handbook of migration and population distribution**. New York: Springer, p. 109-156, 2016.

BOYD, M.; GRIECO, E. Women and migration: Incorporating gender into international migration theory. **Migration information source**, v. 1, n. 35, p. 28, 2003.

BRITO, F. Brasil, final de século: a transição para um novo padrão migratório? **Anais: XII Encontro Nacional de Estudos Populacionais**. Caxambu – MG, p. 1-44, 2000.

BRITO, F.; GARCIA, R. A.; SAUZA, R. G. V. DE. As tendências recentes das migrações interestaduais e o padrão migratório. **Anais: XIV Encontro Nacional de Estudos Populacionais**. Caxambu – MG, p. 1-14, 2004.

BURCH, T. K. Household and family demography: a bibliographic essay. **Population Index**, v. 45, n. 2, p. 173-195, abr. 1979.

CAMPOS, M. B. de. Ciclo de vida, estrutura domiciliar e migração no início do século XXI: o caso da Região Metropolitana de São Paulo. **Cad. Metrop.**, São Paulo, v. 20, n. 41, p. 191-208, jan./abr. 2018.

COOKE, T. J. Migration in a family way. **Population, Space and Place**, v. 14, p. 255–265, 2008.

CUNHA, J. M. P da; BAENINGER, R. Las migraciones internas en el Brasil contemporâneo. **Notas de Población**. n. 82, Comissão Econômica para a América Latina e o Caribe – CEPAL, 2006.

DA VANZO, J. Microeconomic approaches to studying migration decisions. In: DE JONG, G. F.; GARDNER, R. W. (Ed.). **Migration decision making: multidisciplinary approaches to microlevel studies in developed and developing countries**. New York: Pergamon Press, p. 90-129, 1981.

DE JONG, G.; GRAEFE, D. R. Family life course transitions and the economic consequences of internal migration. *Population, Space and Place*, v. 14, p. 267-282, 2008.

GUERRA, M. de F. L. **Trabalhadoras domésticas no Brasil**: coortes, formas de contratação e famílias contratantes. Tese (Doutorado em Demografia) – Centro de Desenvolvimento e Planejamento Regional, Faculdade de Ciências Econômicas da Universidade Federal de Minas Gerais, 2017, 150 p.

HARBISON, S. F. Family structure and family strategy in migration decision making. In: DE JONG, G. F.; GARDNER, R. W. (Ed.). **Migration decision making**: Multidisciplinary approaches to microlevel studies in developed and developing countries. Pergamon Press, p. 225-251, 1981.

HONDAGNEU-SOTELO, P. Feminism and migration. *The Annals of the American Academy of Political and Social Science*, v. 571, n. 1, p. 107-120, 2000.

IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, Disponível em <http://www.ibge.gov.br>. Acessado em: 28 fev. 2020.

LICHTER, D. T. Household migration and the labor market position of married women. *Social Science Research*, v. 9, p. 83-89, 1980.

MARINUCCI, R. Feminization of migration? *Revista Interdisciplinar da Mobilidade Humana – REMHU*, v. 15, n. 29, p. 5-22, 2007.

MASSEY, D. S.; ARANGO, J.; HUGO, G.; KOUAOUCI, A.; PELLEGRINO, A.; TAYLOR, J. E. Theories of international migration: A review and appraisal. *Population and Development Review*, v. 19, n. 3, p. 431-466, set. 1993.

MCGOLDRICK, M.; CARTER, B.; GARCIA-PRETO, N. **The expanded family life cycle**: individual, family, social perspectives. Pearson New International Edition, ed. 4, 2013, 496 p.

MINCER, J. Family migration decisions. **Journal of Political Economy**. v. 86, p. 749-773, 1978.

OLIVEIRA, A. T. R. de; ERVATTI, L. R.; O'NEILL M. M. V. C. O panorama dos deslocamentos populacionais no Brasil: PNADs e Censos Demográficos. In: OLIVEIRA, L. A. P. de; OLIVEIRA, A. T. R. de (Org.). **Reflexões sobre os deslocamentos populacionais no Brasil**. Rio de Janeiro: IBGE, p. 28-48, 2011.

O'RAND, A. M.; KRECKER, M. L. Concepts of the life cycle: Their history, meanings, and uses in the Social Sciences. **Annual Review of Sociology**, v. 16, p. 241-262, 1990.

PFEIFFER, L.; RICHTER, S.; FLETCHER, P.; TAYLOR, E. Gender in economic research on international migration and its impacts: a critical review. In: MORRISON, A. R.; SCHIFF, M.; SJÖBLOM, M. (Ed.). **The international migration of women**. Washington, DC: World Bank and Palgrave Macmillan, p. 11-49, 2007.

RIBEIRO, J.T.L.; CARVALHO, J.A.M.; WONG, L.R. Migração de retorno: algumas possibilidades de mensuração. In: Encontro Nacional de Estudos Populacionais. **Anais: X Encontro Nacional de Estudos Populacionais**. Caxambu – MG, p. 955-972, 1996.

RIGOTTI, J. I. R. **Técnicas de mensuração das migrações, a partir de dados censitários**: aplicação aos casos de Minas Gerais e São Paulo. Tese (Doutorado em Demografia) – Centro de Desenvolvimento e Planejamento Regional, Faculdade de Ciências Econômicas da Universidade Federal de Minas Gerais, 1999, 142 p.

SANDELL, S. H. Women and the Economics of Family Migration. **The Review of Economics and Statistics**, v. 59, n. 4, p. 406-414, nov. 1977.

SHRYOCK, H. S.; SIEGEL, J. S. **The methods and materials of demography**. Washington: New York: Academic Press, 1980, 566 p.

STARK, O. **The migration of labor**. Massachusetts: Basil Blackwell, 1991, 406 p.

WAJNMAN, S. **Demografia das famílias e dos domicílios brasileiros**. Tese (Professor Titular de Demografia) – Centro de Desenvolvimento e Planejamento Regional, Faculdade de Ciências Econômicas da Universidade Federal de Minas Gerais, 2012, 158 p.

## Apêndice A

Processo de criação do algoritmo para definir o tipo de migração (realizado no STATA).

\*1. Número total de pessoas no domicílio.

```
gen pes=1
```

```
egen pdom=sum(pes), by(IDQues)
```

\*no Censos de 2000 e 2010 substituir IDQues por v0300.

\*2. Identificando os considerados como imigrantes em 1991.

```
gen imigrante=0
```

```
replace imigrante=1 if V0319==21 | V0319==22 | V0319==23 |  
V0319==24 | V0319==25 | V0319==26 | V0319==27 | V0319==28 |  
V0319==29
```

\*em 2000:

```
gen imigrante=0
```

```
replace imigrante=1 if v4230==8 | v4230==9 | v4230==10 | v4230==11  
| v4230==12 | v4230==13 | v4230==14 | v4230==15 | v4230==16
```

\*em 2010: gen imigrante=0

```
replace imigrante=1 if v6252==2700000 | v6252==2300000  
| v6252==2400000 | v6252==2500000 | v6252==2600000  
| v6252==2100000 | v6252==2200000 | v6252==2800000 |  
v6252==2900000
```

\*3. Variável que é igual a 1 para todos os membros de um domicílio que tem ao menos 1 imigrante.

egen dom=max(imigrante), by (IDQues)

keep if dom==1

\*4. Gerando tempo de migração.

gen tempomigra=.

replace tempomigra=0 if imigrante==0

replace tempomigra=1 if V0317<2 & V0317~=. & imigrante==1

replace tempomigra=2 if V0317>1 & V0317<10 & V0317~=. & imigrante==1

\* em 2000 substituir V0317 por v0422 e, em 2010, por v0623.

\*5. Variável daqueles que migraram até 2 anos antes do censo – imigrantes recentes.

gen imrecente=.

replace imrecente=0 if tempomigra==0 | tempomigra==2

replace imrecente=1 if tempomigra==1

\*6. Variável que é igual a 1 para todo o domicílio que tem ao menos 1 imigrante recente.

egen domimrecente=max(imrecente), by(IDQues)

\*7. Variável daqueles que migraram há dois anos ou mais – imigrantes antigos.

gen imantigo=.

replace imantigo=0 if tempomigra==0 | tempomigra==1

replace imantigo=1 if tempomigra==2

\*8. Variável que é igual a 1 para todo o domicílio que tem ao menos 1 imigrante antigo.

egen domimantigo=max(imantigo), by (IDQues)



\*9. Variável categórica indicando se o domicílio tinha algum imigrante antigo e nenhum imigrante recente (0), se o domicílio tinha algum imigrante recente e nenhum imigrante antigo (1) e se o domicílio tinha ao menos um imigrante recente e um antigo (2).

gen domic=.

replace domic=0 if domimantigo==1 & domimrecente==0

replace domic=1 if domimrecente==1 & domimantigo==0

replace domic=2 if domimrecente==1 & domimantigo==1

\*10. Número de imigrantes recentes no domicílio.

egen nimrecente= sum(imrecente), by(IDQues)

\*11. Variável que aponte o imigrante que se destinou para um domicílio com algum imigrante antigo.

gen domcomimantigo=.

replace domcomimantigo=0 if domimantigo==0 | (domimantigo==1 & domimrecente==0)

replacedomcomimantigo=1 if domimrecente==1 & domimantigo==1

\*é igual a 0 para aqueles domicílios que não tem imigrante antigo e para os que tem imigrante antigo, mas não tem imigrante recente; é igual a 1 para aqueles domicílios com imigrantes recentes e antigos.

\*12. Número de imigrantes recentes por domicílio.

egen dom2recente=sum(imrecente), by(IDQues)

\*se igual a 0 não tem imigrante recente; se igual a 1 tem apenas um imigrante recente; maior do que 1 tem mais do que um migrante recente.

\*13. Determinado domicílios em que todas as pessoas são imigrantes recentes.

gen imrecenteporpesdom= dom2recente/pdom

gen domtodorecente=.

replace domtodorecente=0 if imrecenteporpesdom<1

replace domtodorecente=1 if imrecenteporpesdom==1

\*\*\*ALGORITMO\*\*\*

gen doming=.

\* domicílio unipessoal de imigrante recente.

replace doming=0 if domtodorecente==1 & domcomimantigo~1  
& nimrecente==1

\* domicílio com 1 imigrante recente e ao menos um não migrante.

replace doming=1 if nimrecente==1 & domcomimantigo~1 &  
tempomigra==1 & domtodorecente~1

\* domicílio com mais de 1 imigrante recente e com ao menos um  
não migrante.

replace doming=2 if nimrecente>1 & domcomimantigo~1 &  
domtodorecente~1 & tempomigra==1

\* domicílio formado apenas por imigrantes recentes.

replace doming=3 if domtodorecente==1 & domcomimantigo~1  
& nimrecente>1

\* domicílio com imigrante(s) recente(s) e com imigrante(s) antigo(s),  
podendo ter, ou não, não migrantes.

replace doming=4 if dom2recente>0 & domcomimantigo==1 &  
tempomigra==1